

RECURSOS DA ORALIDADE NA ESCRITA: A LINGUAGEM DAS CRÔNICAS

Lúcia Kozow *
Maria Inez Matoso Silveira (UFAL)

Resumo

Neste trabalho, propomos observar a existência de recursos da oralidade no gênero textual crônica, mostrando que, neste gênero, a oralidade e a escrita são usadas de forma complementar e não opostas. Efetivamente, observam-se verdadeiras estratégias de interação conversacional usadas pelo escritor para envolver o leitor. Apresentamos um breve estudo sobre as relações entre a oralidade e a escrita, abordamos a crônica, sua origem, evolução e características, e, finalmente, acrescentamos alguns fragmentos de crônicas como exemplos do uso dos recursos que realizam estratégias interacionais de envolvimento do leitor, de forma retoricamente eficaz, o que proporciona uma leitura agradável devido à leveza da linguagem peculiar às crônicas.

Palavras-chave: Gênero textual crônica. Estratégias conversacionais na escrita. Linguagem das crônicas.

Abstract

In this paper, the authors propose to observe the existence of orality resources in the textual genre chronicle showing that in this genre orality and writing are used in a complementary way and not opposite. Effectively, we can observe real conversational interaction strategies used by the writer in order to involve the reader. The authors, not only present a brief study about the relations between orality and writing, but also study the chronicle, its origins, evolution and characteristics, and finally present some excerpts from chronicle as examples of use resources which perform involvement interactional strategies of the reader, in a rhetorically effective way, and this promotes an agreeable reading due to the lightness of the peculiar language of the chronicles.

Keywords: Textual genre chronicle. Conversational strategies in writing. Language of chronicles.

*IFAL – luciakosow@yahoo.es

**UFAL – mimatton@uol.com.br

Introdução

A leitura tem sido uma prática muito significativa na sociedade moderna, mas somente quando o texto é verdadeiramente compreendido é que ela acontece. Rojo (2004, p. 2) afirma que ser letrado, ler na vida, e ler na cidadania é “escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social”. As práticas sociais da leitura podem ser entendidas através dos seus mais diferentes tipos e usos: leitura para estudo e trabalho, para uso instrumental, para reflexão, para entretenimento, dentre outros.

Nessa perspectiva, os usos da linguagem se processam por meio dos gêneros textuais orais e escritos, em que se realizam as interações sociais nas mais diversas esferas da atividade humana, e no cotidiano das pessoas. A leitura de gêneros diversificados abre as possibilidades para a escrita, pois através dela o leitor adquire uma variedade muito grande de conhecimentos que vão integrar os chamados conhecimentos prévios necessários à prática da lectoescritura e que englobam o conhecimento da língua, o conhecimento textual, o conhecimento cultural e o enciclopédico (SILVEIRA, 2005). Nesse sentido, a crônica, que é um gênero textual muito próximo do leitor, já que aparece em jornais, em noticiários, em revistas, na internet e entre outros meios, pode contribuir significativamente, tanto no processo de leitura quanto no processo de escrita, servindo como um incentivo e motivação para a produção textual.

Além do exposto, o gênero textual crônica, que tomamos para análise neste trabalho, serve como exemplo para mostrar usos da língua oral na produção escrita. Nele existem alguns recursos à oralidade, e algumas estratégias próprias da linguagem conversacional, que se acham imbricadas, de tal maneira, nas estruturas linguísticas do texto escrito, como se o escritor¹ necessitasse do aval do leitor à realização da progressão temática do seu próprio texto.

Assim sendo, neste texto, pretendemos discorrer primeiramente sobre o contínuo que existe entre a língua falada e a língua escrita, sobre como se realiza a passagem de uma modalidade para a outra, e mostrar como o escritor utiliza-se de recursos característicos da oralidade na crônica, um gênero textual híbrido, que chega com facilidade até as pessoas, e desperta nelas, desde há muito tempo, o interesse pelo texto escrito.

Língua falada e língua escrita

A língua falada com relação à língua escrita, tem sido ainda alvo de preconceitos, por ser considerada menos elaborada, e por não ter uma preocupação formal e estética, devido à agilidade do pensamento. Segundo Koch e Elias (2009, p. 13), o fato se deve às diferenças que distinguem as duas modalidades. A fala se dá num contexto de interação face a face, em que nem sempre se pode fazer uso das exigências da sintaxe, que acaba sendo sacrificada. A língua escrita, por sua vez, apresenta um distanciamento entre escritor e leitor. Além disso, a escrita não é a transcrição da língua falada, pois não escrevemos exatamente como costumamos falar (CHAFE; TANNEN, 1987; MARCUSCHI, 2007; CASSANY, 1997), dentre outros. Entretanto, convém salientar que, segundo Marcuschi

(2007), os estudos mais recentes sobre as relações entre a oralidade e a escrita têm mostrado mais semelhanças do que diferenças entre as duas modalidades da língua.

Ao referir-se às duas modalidades, Botelho (2013, p.1) considera que “alguns fatores são responsáveis pelas diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita: o contexto, a intenção do falante ou do escritor, e o tópico do que se diz ou se escreve”. O autor corrobora com a afirmação de Marcuschi (2007) de que a fala e a escrita não são modalidades estanques, e acrescenta que a natureza da linguagem oral, por si só, não é suficiente para diferenciá-la e isolá-la da escrita. Isso fica evidente, quando são analisadas sob o ponto de vista de um contínuo tipológico, e quando observadas no contínuo dos gêneros textuais.

Quando nos expressamos usando a linguagem falada, temos como auxílio recursos para linguísticos como a fluidez das ideias, os gestos, a prosódia, os sinais, as mímicas, entre outros, que contribuem para que possamos expressar com mais facilidade o que queremos dizer. Inclusive, ao desejarmos falar alguma coisa e não logarmos êxito, devido à ausência das palavras certas. Em situação real de comunicação face a face, podemos resolver esta lacuna com emprego de recursos não verbais, como gestos e mímicas.

A escrita, por sua vez, possui como características o pensar e o planejar. Força um pouco mais o produtor do texto, já que envolve, além do planejamento, um trabalho de elaboração cuidadosa, que permite selecionar, revisar estruturas linguísticas e aspectos semânticos, entre outras coisas. Isso não acontece na língua falada, pois nessa modalidade o planejamento é feito ao longo da própria dinâmica da interação. No entanto, segundo Marcuschi (2007, p.33), a língua falada e a língua escrita compartilham várias características, como, por exemplo, a dialogicidade, os usos estratégicos, as funções interacionais, a dinamicidade, a situacionalidade, a coerência, dentre outras, além das que estão relacionadas aos fatores regionais e culturais de uma determinada comunidade linguística. Enfim, ao mencionarmos a relação fala – escrita, corroborando o raciocínio anterior, vale ressaltar que a oralidade e a escrita são duas modalidades de um mesmo sistema linguístico.

2 O contínuo entre a oralidade e a escrita

As relações entre oralidade e escrita já se encontram muito mais conhecidas hoje do que há algumas décadas, mas segundo Fávero et al (2007, p.9), apesar das muitas pesquisas comparativas “pouco sabemos sobre elas”. Segundo Marcuschi (2007, p.9), o conhecimento que se tem sobre os usos da língua, na prática, ainda não foi pesquisado e divulgado de modo satisfatório. O autor parte do princípio de que são os usos da língua, e não o contrário – o sistema – os responsáveis por sua colocação em funcionamento. Ele defende que falar bem ou escrever bem não significa apenas ter que adequar-se às regras da língua, mas usá-las adequadamente para produzir os efeitos de sentido desejados em determinada situação de comunicação.

Assim, como bem ressalta Marcuschi (2007), é a intenção comunicativa que funda o uso da língua, conseguindo um discurso significativo pelo uso adequado das práticas

linguageiras à situação a que se destina. A fala e a escrita são dois modos de funcionamento da língua, e não dois sistemas linguísticos, como pensavam antes alguns autores. Isso nos leva a ver as relações entre a oralidade e a escrita numa visão funcional, tanto no contexto das práticas comunicativas, quanto nos usos dos gêneros textuais, dentro de um quadro mais amplo.

Rodrigues (1995) considera que o escritor, numa fase inicial, transpõe para o texto escrito muitas marcas da oralidade. Ele não se dá conta de que os recursos que são prototípicos da oralidade podem não ser adequados quando utilizados na escrita. Na oralidade, tem-se um interlocutor face a face, que compartilha conhecimentos na situação comunicativa, em um ambiente em que se conta com recursos linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido, não é necessário e pode ser dispensado o uso de algumas estruturas, pois estas não causarão incompreensões sobre a temática abordada, já que todo o evento de fala acontece num contexto específico e circunstancial.

Carvalho (2008, p.155) considera que “a escrita possui a qualidade da integração, que se opõe à da fragmentação, própria à fala”. O texto falado, quando transcrito, nos dá uma ideia muito clara da característica de fragmentação que lhe é própria, pois na fala, os assuntos ou temas vão e vêm, dependendo da interação existente entre os interlocutores. Assim, muitas vezes, o texto falado vai sendo construído por frases cortadas.

O processo de escrita contudo, acontece de maneira diferenciada, ainda que exista um contínuo entre a fala e a escrita, como mencionado anteriormente. O ato de escrever se dá de forma mais lenta, exige um planejamento e deve primar pelos fatores da textualidade (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1997). Segundo Silveira (2006, p.77), a escrita não é instantânea, mas o usuário “tem mais tempo para planejar e realizar as suas escolhas adequadas às suas intenções”. Neste sentido, a autora reconhece que a escrita é mais limitada se comparada com a fala.

Desse modo, por mais que a fala e a escrita sejam consideradas pertencentes a um mesmo sistema linguístico, que guardam muitas semelhanças, são duas modalidades distintas e com características próprias. Ademais, tanto no texto falado quanto no texto escrito, é comum encontrarmos vestígios característicos de uma modalidade na outra, e estes não se encontram presentes nas estruturas linguístico-discursivas de maneira aleatória. Ao contrário, sempre há um propósito, um efeito desejado, como veremos mais adiante na exposição de alguns excertos de crônicas.

3 A crônica - gênero híbrido

A crônica sempre foi utilizada desde os primórdios da civilização, para registrar e analisar as mais variadas vertentes da História. Segundo Bender e Laurito (1993, p.11), “o termo crônica mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Com efeito, a palavra crônica vem do vocábulo grego *chronos*, que significa tempo. A crônica nos fornece, através do registro do cotidiano, elementos extremamente importantes para a compreensão de um dado tempo e sociedade. Através das crônicas de Lima Barreto, por exemplo, podemos conhecer muitos dos costumes da vida e da sociedade carioca das primeiras décadas do século XX.

Fazendo parte do gênero literário e do gênero jornalístico, a crônica é um texto informal. Segundo Lima (2010), a quantidade de personagens usados nesse gênero textual é relativamente reduzida, podendo, inclusive, não haver personagens. Muitas vezes, num tom muito “sutil” e até mesmo irônico, o cronista faz uma espécie de denúncia dos problemas que aparecem na sociedade, usando para isso, o poder da linguagem.

Lima (2010, p. 5) afirma: “enquanto o folhetim do século XIX tratava de assuntos variados, além de tomar quase metade da página do jornal, a crônica moderna encurtou e trata apenas de um assunto”. Dessa forma, atualmente, vários cronistas podem falar de um mesmo assunto, mas de maneiras completamente diferentes. Cada um analisa o fato ou o acontecimento de um ângulo individual, original. Assim, a crônica pode ter um valor individual e/ou interpretativo, e também um valor de crítica. Pode apresentar, em suas estruturas linguísticas, tanto características narrativas quanto argumentativas, de acordo com o propósito comunicativo ao qual se destina.

Quando a crônica apresenta características narrativas, geralmente narra algum fato ou história do cotidiano das pessoas. Envolve então, enredo, personagens, tempo e espaço. A outra maneira é quando ela toma a forma de um texto jornalístico, forma mais moderna do gênero, em que o cronista algumas vezes escreve sobre um determinado assunto de um jeito totalmente diferente daquele que as pessoas costumam ver. Para isso, o cronista utiliza-se mais da argumentação, devido à necessidade de defender seu ponto de vista.

As semelhanças entre as duas maneiras acima mencionadas reside no caráter social e crítico de que as crônicas se constituem; além do tom humorístico, irônico, e algumas vezes, sarcástico. Não têm como finalidade principal a intenção de informar, mas refletir sobre o fato ou acontecimento. A utilidade é cativar o leitor, conquistar sua atenção, buscando certa convivência, por isso, às vezes, há um toque um tanto poético. Os cronistas escrevem quase sempre numa linguagem informal e, em algumas vezes, não tomam partido de nada, nem de ninguém.

Segundo Silveira (2010) pode-se afirmar que a crônica é um gênero híbrido, que oscila entre o literário e o jornalístico. O seu hibridismo se dá pelo fato de haver fronteiras muito sutis entre a crônica, o artigo de opinião, o ensaio, o conto, o causo, e até mesmo as narrativas pessoais. Isso torna muito complexo o estudo comparativo entre esses diversos gêneros.

Além disso, como a crônica é extremamente aberta a vários temas: pessoas, acontecimentos, diferentes aspectos da vida e da condição humana, é considerada, também, um gênero heterogêneo, não apresentando, portanto, uma forma rígida. Pode servir-se de todos os tipos textuais como, por exemplo, a narração, a descrição e a argumentação. Contudo, não podemos nos esquecer de que ela tem um propósito comunicativo razoavelmente definido: levar o leitor a fazer uma reflexão sobre o tema tratado, uma de suas características mais relevantes.

4 Traços da oralidade no gênero crônica – estratégias de envolvimento

Nas crônicas escritas, de maneira geral, os cronistas costumam fazer descrições e comentários a partir da observação direta de fatos, pessoas e situações, sempre sujeitas às

marcas do subjetivismo. A intenção, claro está, é de trazer o leitor o mais próximo possível ao tema ou assunto em questão. Dessa forma, algumas marcas da oralidade costumam ser usadas para chamar a atenção desse leitor para um diálogo com o autor. Os exemplos abaixo (1 e 2) extraídos da crônica Alternativa², de Luiz Fernando Veríssimo, falam sobre a dicotomia vida e morte.

- (1) Envelhecer é chato, mas consolemo-nos: a alternativa é pior. Ninguém que eu conheça morreu e voltou para contar como é estar morto, mas o consenso geral é que existir é muito melhor do que não existir. **Há dúvidas, claro.**
- (2) Tivemos vinte anos desta alternativa e quem tem saudade dela precisa ser constantemente lembrado de como foi. **Não havia corrupção? Havia, sim, não havia era investigação para valer.**

Através do exemplo (1), o autor, ao escrever – há dúvidas, claro – chama o leitor a refletir e a questionar, a pensar sobre o assunto, ou seja, tenta interagir diretamente com esse leitor. No exemplo (2), ele faz a seguinte pergunta - “não havia corrupção?” – para quem? Obviamente, para o leitor, mas sendo uma pergunta retórica sua função é envolver o leitor na temática do texto. Essas estratégias conversacionais são utilizadas, na crônica, com o objetivo de promover o envolvimento do leitor, propiciando a interação escritor-leitor, intermediadas pelo texto.

Alguns exemplos, também, podemos ver na crônica Antônia, de João Paulo Holanda de Assis³, em que o autor conta a história de uma moça pobre que conheceu um determinado rapaz rico, mas que tinha um defeito: era divorciado.

- (3) Seu defeito era ser divorciado. **Nossa!** Os pais de Antônia lá permitiriam alguma coisa dessa?
- (4) [...] os pais dele aceitaram a união. Já os pais dela! **Hum!** Sabe-se lá o que teria feito se os pegassem, imbuídos de raiva pela vergonha causada pela filha.
- (5) [...] junto com os cinco filhos que Zé já tinha... **Agora sim**, no sentido mais nobre da palavra: pobre Antônia, mãe de dez filhos.
- (6) **Assim não dá!** Pensou Antônia. “Como posso deixar esses seis meninos e quatro meninas sem uma educação regular? **Ah**, Zé Cristóvão que me perdoe, mas amanhã sei o que faço!”
- (7) **Estão vendo?** Ou o destino errou a rota de Antônia ou ela soube abrir novos caminhos!

Através dos exemplos acima (3, 4, 5 e 6) tirados da crônica Antônia, o autor, por meio de marcadores conversacionais (em negrito), consegue dar-nos a impressão de que, autor e leitor estão interagindo face a face. A crônica tem esse poder de trazer o leitor para perto, fazê-lo participar do texto. Isso fica evidenciado, como vimos, através das perguntas que o autor faz e que, às vezes, ele mesmo responde. É como se estivéssemos vendo cada leitor se admirando, se indignando, buscando uma solução para o conflito apresentado.

No exemplo (7), o chamamento à resposta do leitor é direto. A leitura da pergunta, – “Estão vendo?” – propicia uma parada ou uma hesitação para uma possível reflexão, por mais que na sequência venha expressa a opinião do autor. De fato, levar o leitor a refletir sobre o tema tratado não só é uma característica marcante da crônica, como também, se constitui num dos mais importantes propósitos comunicativos desse gênero.

Além dos exemplos citados, aparecem alguns excertos extraídos da crônica Os cheiros⁴ de Danuza Leão, uma conhecida cronista que costuma escrever numa revista feminina, publicada no nosso país.

- (8) Era muito bom quando se entrava em casa depois do colégio, logo antes do almoço, e se sentia o cheiro do refogado – alho, cebola e tomate – para fazer o picadinho ou o bife de panela enrolado no bacon e preso por um palitinho. **Quantos segundos você leva para atravessar o tempo e voltar aos seus 11 anos?**
- (9) **Lembra quando há muitos, muitos anos, você ia passar as férias na fazenda? Ah,** uma fazenda tem aromas absolutamente inesquecíveis: o do capim, o da terra depois da chuva [...]. **E o cheiro da tangerina? Aliás, tangerina não, mexerica.**
- (10) Mas existem outros aromas não ligados ao paladar e também inesquecíveis. O cheiro do mar quando se chega em Salvador – uma licença poética, com licença. **E você já teve uma tia-avó que morava numa casa bem arrumada, cujo assoalho era encerado toda semana?** O brilho era dado à mão, com uma escova de cabo alto como uma vassoura, e era chegar e ouvir: “cuidado para não escorregar”. Que cheiro limpo, honesto, que cheiro de gente direita. **Será que isso ainda existe?**

Na crônica Os cheiros de Danuza Leão, a autora relaciona os cheiros com os acontecimentos da vida: as alegrias, as tristezas, o amor, as angústias, e traz as lembranças de um tempo passado para um tempo presente (expresso na pergunta do exemplo 8). Nessa crônica, percebemos bem o fato que está na razão de ser da crônica, transformar algo trivial da vida – os cheiros – em motivos de reflexão, de resignificação, e de comentários de diversificados matizes. A estratégia utilizada por Danuza para envolver o leitor com o texto fica devidamente explícita por meio das perguntas retóricas presentes em todos os exemplos (8), (9) e (10).

Uma estratégia, também, muito interessante, vemos no exemplo (10). É a presença, claramente explícita, do uso da oralidade: - uma licença poética, com licença – em que a autora parece dirigir-se ao seu interlocutor numa conversa face a face, e até apelando para um chiste.

Como observamos através dos exemplos apresentados, há uma espécie de chamamento ao leitor para compartilhar as informações que o texto oferece. Isso se processa, especialmente, pelas perguntas retóricas presentes no texto, as quais fazem com que o leitor se sinta motivado a externalizar sua opinião, tornando-se, dessa forma, partícipe da situação.

Considerações finais

Ao longo deste artigo foi visto que as duas modalidades da língua – a oralidade e escrita – eram tradicionalmente consideradas como antagônicas, mas estudos mais recentes no nosso país, como os de Marcuschi (2007), defendem que as duas modalidades apresentam mais semelhanças que diferenças, e isso pode ser demonstrado no contínuo dos gêneros textuais, ou seja, há gêneros orais que têm marcas da língua escrita e também gêneros escritos que apresentam marcas da oralidade, como é o caso da crônica, gênero textual que circula muito frequentemente em vários suportes de textos.

Com efeito, a crônica, como vimos, é um gênero textual híbrido que imbrica em sua estrutura composicional e linguístico-discursiva a linguagem oral e a linguagem escrita. Ela estabelece vínculos com a conversação cotidiana, a qual lhe confere marcas da oralidade. Assim, o cronista busca envolver o leitor usando como estratégia um estilo descontraído, cujo efeito é uma leitura leve e agradável.

Por fim, acreditamos que o gênero textual crônica pode ser usado para iniciar e desenvolver a prática da leitura na escola e fora dela; pois, ao envolver o leitor, propiciar-lhe-á o prazer de ler, podendo conduzi-lo, posteriormente, à apreciação de outros gêneros textuais. Além de possibilitar o desenvolvimento da prática da leitura, a crônica é um gênero textual capaz de conduzir às práticas de escrita, a exemplo da experiência didática realizada por Silveira (2010), que demonstrou ser a crônica um gênero muito propício à realização das chamadas oficinas de produção de texto.

Notas

¹ Exemplos de alguns cronistas conhecidos e atuais são: Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles, Arnaldo Jabor, entre outros. Nas suas crônicas, essa interlocução pode ser percebida.

² Esta crônica foi publicada no jornal Gazeta de Alagoas em julho de 2013, mas está disponível em: www.oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/06/30/alternativa-por-luis-fernando-verissimo-501746.asp Acesso em: 8 jul. 2013

³ Esta crônica foi escrita pelo autor na cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, em junho de 2008, durante uma oficina de produção de texto num curso de especialização.

⁴ Essa crônica foi publicada originalmente na Revista Claudia. Encontra-se disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materia/os-cheiros-4099/?p=comportamento/danuza-leao> Acesso em: 18 jul. 2013.

Referências

- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOTELHO, José Mario. A natureza das modalidades oral e escrita. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>> Acesso em: 6 jul. 2013.
- CARVALHO, Maria Leônia L. G. C. A linguagem na pesquisa sociocultural: oralidade e escrita em redações de vestibular. In: MOURA, Denilda. (org.) **Os desafios da língua: Pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008, p.155-159.
- CASSANY, Daniel. **Describir el escribir: Cómo se aprende a escribir**. Barcelona: Paidós, 1997.
- CHAFE, Wallace; TANNEN, Deborah. The relation between written and spoken language. **Annual Review of Anthropology**, vol. 16, 1987, p. 383-407.
- FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore V. ; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.
- LIMA, Sandra Araújo. **O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita**. Maceió: EPEAL, 2010.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. v. 1. São Paulo: Projetos Paralelos, 1995.
- ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: Suas implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005
- _____. As narrativas: sua importância na nossa vida e na escola. In: CAVALCANTE, M^a Auxiliadora da S.; FUMES, Neiza de L. F. (org.). **Educação e Linguagem: saberes e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 75-89.
- _____. Ateliê de crônicas & portfólio. In: **Revista Leitura**, Maceió, n. 42, 2010, p.237-249.